



Arte original: Glauçia Nagem –“ Falatório 2” / Concepção e arte do cartaz: Maurício Simões / Web Designer: Ilana Chaia Finger

Prelúdio 8

Uma formação na medida da ética

Ao final do texto “Alocução sobre as psicoses da criança”, ao tratar das urgências de nossa época e da questão da segregação, Lacan fala a respeito da importância de Freud “*reintroduzir nossa medida na ética através do gozō*”¹. Trata-se de uma orientação ética e é sobre isso que quero trazer algumas considerações neste prelúdio.

Esse texto me parece fundamental para os debates que teremos em nosso próximo Encontro Internacional justamente porque é um dos textos em que Lacan situa a noção de segregação articulada ao progresso da ciência e coloca a questão de como nós psicanalistas responderemos a esse problema de nossa época.² Não só isso, trata-se de uma comunicação

¹ LACAN, J. – (1967) Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd., 2003, p. 367.

² Sidi Askofaré em seu texto “Aspectos da segregação”, destaca duas vertentes da segregação: entendida como estrutural, como princípio de todo discurso, e outra que trata das práticas segregativas e seus fenômenos atuais o que me parece bem importante para pensar a questão da segregação na intensão e na extensão da psicanálise. Askofaré, S. (2009). Aspectos da segregação. In: *APeste*, 1(2), 345-354.
<http://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/6287/4621>

que ocorre logo após ter apresentado sua “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola”³ na qual propõe o dispositivo do Passe em sua Escola, fala sobre a formação dos analistas e onde também retoma essa questão sobre a segregação, lembrando que ele mesmo havia sido expulso da IPA. Ou seja, essas indicações me fazem pensar que essa *medida* reintroduzida por Freud na ética se impõe tanto em relação aos discursos vigentes quanto à formação dos analistas.

Em “Televisão”⁴, Lacan dirá que a Ética é relativa ao discurso. Sabemos que são os discursos que ordenam o gozo e regulam os laços civilizatórios que produzem o que Freud tão bem revela no texto *o Mal-estar na cultura*. Ou seja, aquilo que nos torna humanos é o mesmo que produz a face mais sombria dessa mesma humanidade. Todos fálicos, falantes e castrados é a universal que nos torna sujeitos, mas para isso, pagamos o preço do que não se inscreve, um gozo que está fora do laço, que resiste à norma, produzido por este mesmo laço. Assim, a segregação é inerente a todo discurso que busca eliminar aquilo que ali não se inscreve, o diferente, o que resiste à universalização.

Ainda no texto “Alocução sobre as psicoses”, Lacan comenta que corríamos o risco de esquecer que há uma ética na base do campo de nossa função e que nosso principal tormento concernia a uma formação passível de ser qualificada de humana. Por que seria nosso principal tormento? Entre outras razões, porque essa formação, apesar de nos humanizar por ser de linguagem, produz mal-estar ao segregar os modos de gozo singulares. Ora, o que resiste à norma dos discursos vigentes se não o gozo próprio de cada sujeito?

Como então fazer frente à segregação e se responsabilizar por um modo de gozo que não compactua com as armadilhas de um gozo universalizante presente no discurso da ciência ou mesmo com a sedução que a proposta do discurso capitalista oferece aos sujeitos estabelecendo a recuperação de um gozo impossível através dos objetos oferecidos pelo mercado? O que os psicanalistas podem diante disso?

Me parece que uma das apostas de Lacan para lidar com essa questão foi a formação dos analistas. Ora, se permanecêssemos atrelados apenas ao gozo do Um da Universal de todos os falantes que gozam do sentido, não teríamos como encontrar um outro saber fazer com o gozo. A psicanálise tem para oferecer esta outra *medida* que não serve para todos, a *medida*

³ LACAN, J. – (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd., 2003, pp. 248-264

⁴ LACAN, J. – (1973) Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd., 2003, pp. 508-543.

do gozo singular de cada um, sempre um a um, não universalizável. Para isso, é preciso sermos radicalmente éticos em relação à formação analítica e na condução das análises.

Lacan esperava poder verificar a passagem a analista no final das análises, por isso sua proposta do dispositivo do passe. Também não me parece ao acaso que sustentamos ainda hoje o dispositivo do passe em nossa Escola. Não temos garantia de que um analista saberá fazer frente à segregação que o discurso do UM promove, mas uma análise que chegue a seu fim talvez seja uma das poucas chances que temos para lidar com suas consequências.

Aí sim entendo que podemos falar em uma formação analítica na *medida* da ética da psicanálise.

Beatriz Oliveira

14 de abril de 2026